

Kafka e As Portas da Lei

"Diante da lei está um porteiro. Um homem do campo chega a esse porteiro e pede para entrar na lei. Mas o porteiro diz que agora não pode permitir-lhe a entrada. O homem do campo reflete e depois pergunta se então não pode entrar mais tarde.

-É possível - diz o porteiro. - Mas agora não."

Kafka inicia dessa forma o conto "Diante da Lei"¹. Seguindo o relato, escreve que o homem se inclina e tenta olhar para dentro. A porta está aberta e o porteiro sempre ao lado dela, comenta:

"-Se o atrai tanto, tente entrar apesar da minha proibição. Mas veja bem: eu sou poderoso. E sou apenas o último dos porteiros. De sala para sala porém existem porteiros cada um mais poderoso que o outro. Nem mesmo eu posso suportar a simples visão do terceiro."

Após, segue-se uma reflexão do homem do campo, surpeendido de início com a negativa. Acaba analisando o casaco de pele do porteiro, o nariz erguido, a longa barba. Decide esperar pela permissão, e o porteiro lhe dá um banquinho para que aguarde a permissão. O camponês fica anos sentado, pede repetidas vezes para entrar. O porteiro às vezes submete o camponês a umas perguntas a respeito de sua cidade de origem e outras perguntas amenas, e conclui sempre que ainda não pode dar-lhe a permissão para entrar.

Entrar à Porta da Lei, ou seja, ultrapassar o pai-porteiro e instalar-se no mundo dos adultos, dissolvendo o Édipo reeditado na adolescência. O pai atento, encarregado de prestar atenção se o pretendente a adulto já se encontra em condições de ser admitido, questiona-o de tempo em tempo.

¹Kafka, Franz. Um Médico Rural (Contos) 1919. Editora Brasiliense, 1991. Pág. 23

No conto de Kafka, o candidato em questão se comporta com voracidade infantil, apenas pedindo a permissão de entrada sem oferecer nenhum indício de que possui condições de haver-se com o mundo. mal responde as perguntas do pai e em seguida já se conduz novamente como um solicitante compulsivo, característica da infância onde o atendimento / entendimento se equaciona através de uma desigualdade entre o que um dá ao outro. mas é um acordo temporário, que deve ir se alterando gradativamente. Para a adultez o critério é reciprocidade, há que haver um ensaio de empate nas relações familiares.

Ante o pai-interditador, três modos de como não enfrentar a situação edípica e desta forma não dissolvê-la:

a. Usar de **agressividade** (verbal, física) - o porteiro avisa, nas entrelinhas: "Entrar na marra, não. Se me venceses em duelo, outros porteiros virão, muito piores que eu, e fatalmente sairás perdendo. É mais vantajoso e sensato resolveres tua relação comigo de outro modo." Quando o interdito não se realiza em casa, o ambiente externo (outros porteiros) acabarão por fazê-lo, de modo menos conveniente e com muito mais efeitos colaterais ao psiquismo.

b. Usar de **sedução infantil** - no conto, o candidato tenta subornar o porteiro, seduzindo-o com pequenos pertences que trazia consigo. O porteiro aceita, mas sempre dizendo: "-Eu só aceito para você não julgar que deixou de fazer alguma coisa". Ou seja: essas parcas tentativas infantis estão longe de encaminhar resolutivamente o processo de resolução edípica e reiniciar de modo concreto o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Ações maiores e mais concisas, estas sim irão compelir ao crescimento.

Usar de **passividade** - o porteiro até se compadece do marasmo do jovem ao banquinho, tenta estimular-lhe, pergunta-lhe coisas. O jovem está ensimesmado demais para lhe dar ouvidos. Revolta-se primeiro de modo histriônico, depois em seu silêncio hostil-resignado e a vida vai passando sem que ele perceba. Está estacionado, fora do mundo. A passividade é igualmente danosa, pois a vida pára e não há crescimento.

O ensinamento de Kafka termina assim:

"Durante todos esses anos o homem observa o porteiro quase sem interrupção. Esquece os outros porteiros e este primeiro parece-lhe o único obstáculo para a entrada na lei. Nos primeiros anos amaldiçoa em voz alta e desconsiderada o acaso infeliz; mais tarde, enquanto envelhece, apenas resmunga consigo mesmo. Torna-se infantil e uma vez que, por estudar o porteiro anos a fio, ficou conhecendo até as pulgas da sua gola de pele, pede a estas que o ajudem a fazê-lo mudar de opinião. Finalmente sua vista enfraquece e ele não sabe se de fato está ficando mais escuro em torno ou se apenas os olhos o enganam. Não obstante reconhece agora no escuro um brilho que irrompe inextinguível da porta da lei. Mas já não tem muito tempo de vida. Antes de morrer, todas as experiências daquele tempo convergem na sua cabeça para uma pergunta que até então não havia feito ao porteiro. Faz-lhe um aceno para que aproxime, pois não pode mais endireitar o corpo enrijecido. O porteiro precisa curvar-se profundamente até ele, já que a diferença de altura mudou muito em detrimento do homem:

- O que é que você ainda quer saber? - pergunta o porteiro. - Você é insaciável.

- Todos aspiram à lei - diz o homem. - Como se explica que em tantos anos ninguém além de mim pediu para entrar?

O porteiro percebe que o homem já está no fim e para ainda alcançar sua audição em declínio ele berra:

- Aqui ninguém mais podia ser admitido, pois esta entrada estava destinada só a você. Agora eu vou embora e fecho-a.